

Artigo original

Narrativas autobiográficas: reflexões acionadas em um ateliê biográfico com professores de Biologia

Autobiographical narratives: reflections triggered in a biographical workshop with Biology teachers

Narrativas autobiográficas: reflexiones activadas en un taller biográfico con profesores de Biología

Gustavo Lopes Ferreira¹ , Deise Barreto Dias² 

Citação: FERREIRA, Gustavo Lopes; DIAS, Deise Barreto. Narrativas autobiográficas: reflexões acionadas em um ateliê biográfico com professores de Biologia. **Revista Triângulo**, v. 18, p. e025030, DOI: [10.18554/rt.v18i.7911](https://doi.org/10.18554/rt.v18i.7911).


Recebido: 30 ago. 2024

Aceito: 08 set. 2025

Publicado: 09 set. 2025



1. Instituto Federal Goiano , Goiás, GO, Brasil. * Autor correspondente: gustavo.ferreira@ifgoiano.edu.br.

2. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília , Brasília, DF, Brasil.

Resumo: O objetivo desse texto é socializar reflexões advindas da oficina "Narrativas autobiográficas e os processos de investigação e formação de professores de biologia" ministrada em 2023 no VI Encontro Regional do Ensino de Biologia (EREBIO) da Regional 4 (MG/GO/DF/TO) e se justifica como uma forma de contribuir para o enraizamento dos estudos (auto)biográficos no campo da Educação e Ensino de Biologia. O interesse por essa temática emerge da adesão ao enfoque do método biográfico nas práticas de formação e pesquisa realizadas pelos autores, que culminou na composição de um Ateliê biográfico estruturado em três momentos: 1º - escrita de uma (mini)narrativa; 2º- diálogo com referenciais teóricos sobre pesquisa (auto)biográfica; 3º socialização/partilha da narrativa autobiográfica. No texto destacamos as potencialidades das narrativas autobiográficas para os processos formativos e investigativos de docentes de Biologia. Ao propor a construção de conhecimento de forma compartilhada em uma relação horizontal entre sujeitos envolvidos, valoriza-se as subjetividades e a intersubjetividade para compreender a formação e os fenômenos educativos.

Palavras-chave: Método Biográfico. Formação de professores. Pesquisa-formação. Ensino de Biologia.

Abstract: The aim of this text is to share reflections from the workshop "Autobiographical Narratives and the Processes of Investigation and Training of Biology Teachers" held in 2023 at the VI Regional Meeting of Biology Teaching (EREBIO) of Regional 4 (MG/GO/DF/TO). This discussion is justified as a way to contribute to the deepening of (auto)biographical studies in the field of Education and Biology Teaching. The interest in this theme emerges from the authors' adherence to the biographical method in their training and research practices, which

culminated in the creation of a biographical workshop structured in three stages: 1st - writing a (mini)narrative; 2nd - dialogue with theoretical references on (auto)biographical research; 3rd - sharing the autobiographical narrative. In this text, we highlight the potential of autobiographical narratives for the training and investigative processes of Biology teachers. By proposing the construction of knowledge in a shared manner through a horizontal relationship between the subjects involved, the text values subjectivities and intersubjectivity in understanding educational formation and phenomena.

Keywords: Biographical Method. Teacher Training. Research-Formation. Biology Teaching.

Resumen: El objetivo de este texto es socializar reflexiones provenientes del taller "Narrativas autobiográficas y los procesos de investigación y formación de profesores de biología" impartido en 2023 en el VI Encuentro Regional de la Enseñanza de la Biología (EREBIO) de la Regional 4 (MG/GO/DF/TO). Se justifica como una forma de contribuir al arraigo de los estudios (auto)biográficos en el campo de la Educación y la Enseñanza de la Biología. El interés por este tema surge de la adhesión al enfoque del método biográfico en las prácticas de formación e investigación realizadas por los autores, lo que culminó en la creación de un Taller biográfico estructurado en tres momentos: 1° - escritura de una (mini)narrativa; 2° - diálogo con referentes teóricos sobre la investigación (auto)biográfica; 3° - socialización/compartición de la narrativa autobiográfica. En el texto destacamos las potencialidades de las narrativas autobiográficas para los procesos formativos e investigativos de los docentes de Biología. Al proponer la construcción del conocimiento de manera compartida en una relación horizontal entre los sujetos involucrados, se valora las subjetividades y la intersubjetividad para comprender la formación y los fenómenos educativos.

Palabras clave: Método Biográfico. Formación de Profesores. Investigación-Formación. Enseñanza de la Biología.

1. Contextualização

Somos dois professores de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Centro-Oeste brasileiro. Ao longo de nossas carreiras temos atuado tanto no ensino médio quanto na educação superior, acumulando vivências profissionais e acadêmicas que, via de regra, têm sido pautadas na busca por uma docência mais sensível, aberta às experiências. Nessa atuação, temos marcado presença nas discussões e nos espaços dedicados ao ensino de biologia, como na última edição do Encontro Regional do Ensino de Biologia, o VI EREBIO da Regional 4 (MG/GO/DF/TO), no ano de 2023.

Nesse texto, socializamos reflexões advindas da oficina "Narrativas autobiográficas e os processos de investigação e formação de professores de biologia", ministrada por nós durante o VI EREBIO. Essa atividade teve como enfoque o método biográfico, trazendo o debate sobre o potencial das narrativas autobiográficas para os processos de formação e de investigação de docentes de biologia. A temática das narrativas emerge de nossas pesquisas de doutoramento e no âmbito do

evento, se justifica como uma forma de contribuir para o enraizamento dos estudos (auto)biográficos no campo da Educação e Ensino de Biologia.

A proposta compreendeu o biográfico como forma de se fazer resistência às visões tecnicistas acerca da profissão docente. A abordagem (auto)biográfica centraliza a subjetividade do sujeito, tendo nas suas narrativas o afloramento da dimensão pessoal da experiência, as relações e as singularidades da experiência e à produção de conhecimentos a partir dos significados atribuídos aos assuntos humanos (motivações, sentimentos, desejos e propósitos).

Na oficina ministrada tivemos como objetivo: a) conhecer as especificidades da abordagem (auto)biográfica, com enfoque na pesquisa-formação; b) compreender a abordagem (auto)biográfica como alternativa de pesquisa no ensino de biologia; c) realizar um ateliê biográfico de escrita, leitura, reflexão e interpretação de experiências escolares e formativas entre professores/licenciandos, favorecendo uma formação mais horizontal. Para alcançar tais metas, estruturamos as atividades em três momentos: 1º - Escrita de uma (mini)narrativa; 2º Diálogo com referenciais teóricos sobre pesquisa (auto)biográfica; 3º Socialização/partilha da narrativa autobiográfica.

Na seção seguinte apresentamos uma contextualização da abordagem (auto)biográfica como um referencial teórico-metodológico, sua perspectiva histórica, sua apropriação em diversos campos do conhecimento, com ênfase na Educação. Ademais, apresentamos como essa abordagem atravessa os processos de pesquisa e formação dos autores desse texto. Em seguida, destalhamos uma proposta de pesquisa-formação a partir de um Ateliê Biográfico, jogando luz às experiências de docentes de Biologia. Finalizamos o artigo, evidenciando as potencialidades das narrativas (auto)biográficas para acionar práticas de investigação e formação horizontais e colaborativas.

2. Abordagem (auto)biográfica: teoria e prática

Para denominar a abordagem (auto)biográfica existe uma significativa variação de termos, o que pode causar certa confusão. Bolívar (2014) elenca expressões comuns, como: história oral, autobiografia, relato de vida, narração biográfica, histórias de vida. Para esse autor, de qualquer modo, o biográfico diz respeito a diferentes formas de escrita do eu. Passeggi e Souza (2017) acrescentam que a escolha pelo biográfico destaca a ação do sujeito que realiza a escrita de sua própria vida.

A história de vida “tem a função de compreender os padrões de relações sociais, construções e interações nas quais a vida está inserida” (Bolívar, 2014, p. 719, tradução nossa), incluindo a interpretação em contexto dos fatos/ações das histórias narradas. O aspecto interpretativo é enriquecido tanto pelo olhar de quem narra quanto pela perspectiva de um outro, que pode ser o investigador, o formador ou mesmo um grupo, que, junto com o sujeito que narra, busca dar sentido à narrativa. Segundo Bolívar (2014), é o acréscimo dessa perspectiva interpretativa que liga as narrativas ao contexto sócio- histórico mais amplo, tornando o uso das histórias de vida uma valiosa fonte e método de investigação.

O interesse pela abordagem (auto)biográfica se alinha ao paradigma qualitativo, por possuir, conforme Bolívar (2014), um duplo caráter: direciona-se à dimensão pessoal da experiência, às relações e às singularidades do sujeito, bem como à produção de conhecimentos a partir da interpretação dos fenômenos humanos (motivações, sentimentos, desejos e propósitos). Daí, justifica-se nossa escolha pelo (auto)biográfico como estratégia de pesquisa e de formação docente.

O trabalho (auto)biográfico compreende a subjetividade como “uma condição necessária do conhecimento social” (Bolívar, 2002a, p. 4, tradução nossa). Logo, “a percepção e compreensão dos

detalhes subjetivos" (Barreiro; Erbs, 2016, p. 71) tornam-se fundamentais para a pesquisa (auto)biográfica. Essa ênfase no subjetivo é o ponto que mais aprofunda as críticas à abordagem (auto)biográfica em relação à racionalidade lógico-formal ou às correntes positivistas (Bolívar, 2002a; Barreiro; Erbs, 2016).

Por mais que nas últimas décadas tenha sido notável o crescimento de estudos com a abordagem biográfica, Bueno (2002) aponta que essa perspectiva metodológica foi utilizada nos anos 1920 e 1930, por sociólogos da Escola de Chicago. Nas décadas seguintes, em razão da predominância da pesquisa pautada pela objetividade - separação sujeito-objeto e relegação da subjetividade - e da intencionalidade nomotética - que prevê a formulação de leis gerais para construção do conhecimento - a abordagem biográfica sofreu um colapso. Assim sendo, nos de 1970, ocorreu um "Giro Hermenêutico", que passou a reconhecer a legitimidade e o estatuto científico da abordagem biográfica enquanto método de investigação, marcando a passagem de uma instância positivista para uma perspectiva interpretativa nas Ciências Sociais (Bolívar, 2002a).

Para esse movimento foi fundamental a validação da subjetividade na produção de conhecimento e a compreensão de que o material biográfico é subjetivo, como confirmado por Ferrarotti (2014, p. 102):

Uma biografia é subjetiva em vários níveis: lê a realidade social do ponto de vista de um indivíduo historicamente especificado; fundamenta-se em elementos e materiais que são, em sua maioria, autobiográficos, portanto expostos a inúmeras deformações de um sujeito-objeto que se observa e vai ao encontro de si mesmo.

Dessa forma, a pesquisa biográfica leva conta a materialidade dinâmica do sujeito, suas dimensões pessoais (afetivas, emocionais, biográficas), que somente podem expressar-se por narrativas autobiográficas (Bolívar, 2002a). Com isso, o objeto da pesquisa biográfica é o estudo dos modos pelo qual o indivíduo se constitui enquanto ser social e singular, que se expressa em narrativas (auto)biográficas, de acordo com Delory-Momberger (2012; 2014).

O interesse pelo estudo dos aspectos subjetivos de sujeitos por meio da adesão às abordagens (auto)biográficas se mostrou em diferentes áreas de conhecimento e momentos históricos. Na Sociologia, nos anos de 1950, segundo Franco Ferrarotti (2010) o método biográfico surge em virtude da emergência do sujeito cuja subjetividade está inserida no social, dando prioridade a fontes primárias, com acentuado caráter comunicacional e intersubjetivo na produção de conhecimento.

Na Psicologia, segundo Passeggi (2015) e Bolívar (2002a), Jerome Bruner contribuiu para dar um estatuto epistemológico a mais ao modo de conhecimento narrativo. Para esse autor, existem dois modos de conhecer: paradigmático, herdado da tradição lógico-científica e o narrativo, do campo literário-histórico. A racionalidade narrativa parte do princípio de que "as ações humanas são únicas e não repetíveis, dirigindo-se a suas características distintivas" (Bolívar, 2002a, p. 10, tradução nossa). Enquanto o "pensamento paradigmático se expressa em conceitos, reduzindo os relatos a um conjunto de categorias abstratas ou generalizações que anulem sua singularidade" (Bolívar, 2002a, p. 10, tradução nossa).

A Antropologia-Etnografia entendeu-se como uma ciência interpretativa em busca de significações ao adotar um enfoque narrativo e tomar a cultura como texto a ser lido/interpretado. Na Filosofia, Paul Ricoeur (2010), expôs o papel mediador da narrativa na construção da consciência histórica e na compreensão dos dramas humanos, tomando ainda as narrativas como fundamento ontológico da existência humana, sendo o modo como damos sentido à nossa existência e as experiências vividas.

No contexto da Educação o redirecionamento do interesse pelos aspectos da subjetividade do professor se deu na década de 1980. Nóvoa (2013), sinaliza a publicação do livro “O professor é uma pessoa”, de Ada Abraham, publicado em 1984, como um importante marco dessa virada por ser um trabalho que dá importância à vida dos professores. Ainda de acordo com esse autor, os estudos e obras colocaram na centralidade a vida, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores.

Passeggi e Souza (2017) destacam que, no Brasil, essas pesquisas eclodiram na Educação nos anos 1990 e nos 2000, se expandiram e diversificaram seus temas. Ambos os movimentos, contaram com a contribuição dos pesquisadores pioneiros de “histórias de vida em formação” no contexto europeu, com pesquisadores francófonos tal como Gaston Pineau, Pierre Dominicé, Marie-Christine Josso; e lusófonos, como o já citado António Nóvoa. No contexto canadense, destacamos Connelly e Clandinin.

No Brasil, os estudos com as biografias tiveram grande influência desses pioneiros. Nesse percurso, evidenciamos um evento bianual que ocorre desde 2004, o Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), que congrega pesquisadores de diferentes nacionalidades e áreas do conhecimento que têm as narrativas biográficas e autobiográficas na sua centralidade (Passeggi; Souza, 2017).

No contexto brasileiro, Passeggi e Souza (2017, p. 10) organizam os estudos (auto)biográficos em quatro grandes tendências: i) Narrativas como um fenômeno antropológico: o interesse recai sobre os processos de individuação e socialização, trazendo como questão central “Como nos tornamos quem somos?”; ii) Narrativas como fonte e método de investigação qualitativa: aqui a busca é por compreender como os indivíduos, sócio-culturalmente localizados atribuem sentido às suas práticas sociais; iii) Narrativas como dispositivos de pesquisa-formação: volta-se a atenção ao conhecimento produzido pelo próprio sujeito quando escreve e pensa sobre si mesmo; iv) Estudo da natureza e da diversidade discursiva das escritas (grafias) da vida (bios).

De maneira geral, as abordagens (auto)biográficas englobam uma variedade de propostas, o que dificulta sua padronização. Contudo, Nóvoa (2013) realizou um esforço de categorização baseado em duas variáveis: objetivos e dimensões. Ele identificou que os trabalhos de caráter teórico têm como foco principal a investigação, enquanto os estudos práticos são voltados para a formação. Há ainda um terceiro grupo, que abrange propostas com objetivos emancipatórios, relacionadas tanto à investigação quanto à formação. É com esse último grupo que nos identificamos e temos desenvolvido estudos e práticas de formação no campo da Educação em Ciências e do Ensino de Biologia.

Somos dois pesquisadores vinculados ao Grupo de Estudos denominado Tecituras entre Educação em Ciências, Narrativas e Culturas que atua com duas linhas de pesquisa, a saber: “Narrativas autobiográficas na formação docente” e “Ciências, Culturas e Saberes da Experiência”. Neste coletivo, muitas pesquisas, assim como as nossas, têm sido desenvolvidas na perspectiva da pesquisa-formação dentro da abordagem (auto)biográfica. Assim, temos entendido como Bragança (2018) que, embora nosso objetivo seja investigativo, ao incentivarmos as pessoas a narrarem suas vidas, elas e nós, como pesquisadores, participamos de um processo de (trans)formação.

Uma proposta de pesquisa-formação é a tese de doutorado do primeiro autor deste texto, “Pesquisa-formação com professoras de ciências e biologia: uma perspectiva hermenêutico-narrativa”, defendida no ano de 2020, sob orientação da professora Maria Luiza Gastal. Durante a investigação, promovemos encontros com sete professoras- egressas da Licenciatura em Ciências Biológicas do IF Goiano – campus Ceres, formando um grupo de trabalho dedicado à escrita, partilha e edição de

narrativas (auto)biográficas. O objetivo principal foi o de compreender os processos formativos das docentes de biologia, ativado pela partilha de narrativas em um coletivo e interpretar essas experiências à luz do contexto específico da formação inicial e dos aspectos sócio- históricos.

Outra pesquisa de doutoramento intitulada “Atravessamentos de histórias de vida e percursos formativos de professoras(es) na Educação Ambiental escolar do Distrito Federal” (2021) foi desenvolvida pela segunda autora deste texto, sob orientação da professora Maria Rita Avanzi. O método (auto)biográfico constituiu o referencial teórico- metodológico do estudo e por meio das narrativas autobiográficas concedidas na interação de entrevista foi possível acessar histórias de vida e percurso formativo de professoras para construir o conhecimento- de forma compartilhada tendo em vista a intersubjetividade- de como a Educação Ambiental (EA) chegou e se enraíza na Educação Básica do DF.

O contexto social foi apreendido a partir do entendimento dos conceitos de Franco Ferrarotti (2010, p. 45), em que cada sujeito é a “reapropriação singular do universal social e histórico” e a “síntese individualizada e ativa de uma sociedade”. Nesse sentido, foi possível observar os modos pelos quais os sujeitos dessa pesquisa se constituem enquanto seres singulares e sociais a partir dos relatos de suas experiências.

3. Ateliê biográfico: o professor de biologia que habita em mim

Iniciamos a oficina desenvolvendo um “Ateliê Biográfico”, cuja proposta foi implicar os professores ou futuros docentes participantes na rememoração e na escrita de narrativas autobiográficas sobre seus processos formativos. Diante de um pedaço de papel, empunhando lápis e borracha, os provocamos a refletirem sobre o tema “O professor de biologia que habita em mim”. Propusemos aos participantes que pensassem nas questões: Que fatos marcaram minha vida? O que eles fizeram comigo? O que faço agora com o que isso me fez? Assim, começou-se um movimento circular de rememorar, escrever e socializar as experiências.

A prática do ateliê biográfico valoriza a intersubjetividade, permitindo que a história de cada participante seja contada e editada em um espaço coletivo, onde a escrita e a escuta são igualmente importantes. O objetivo é lançar luz sobre as experiências dos participantes, no nosso caso, de docentes atuantes ou em formação inicial e continuada.

O ateliê cria um espaço de formação e de investigação, funcionando como um tempo para que o professor possa intercambiar experiências, ouvir histórias alheias e enriquecer a sua própria biografia. Inspirados por Suárez (2010) e seu trabalho de documentação narrativa de experiências pedagógicas, entendemos a importância de narrar-se em um coletivo, enquanto forma instituinte de (co)formação horizontal e de autoformação docente.

Suárez (2010) nos ajuda a justificar que o ateliê se fundamenta em torno de ler- comentar- interpretar narrativas autobiográficas de forma colaborativa e entre docentes, e com isso, podem abrir horizontes interpretativos que levem a novas formas de nomear, compreender e valorizar a experiência e aprendizagem de ser professor de biologia.

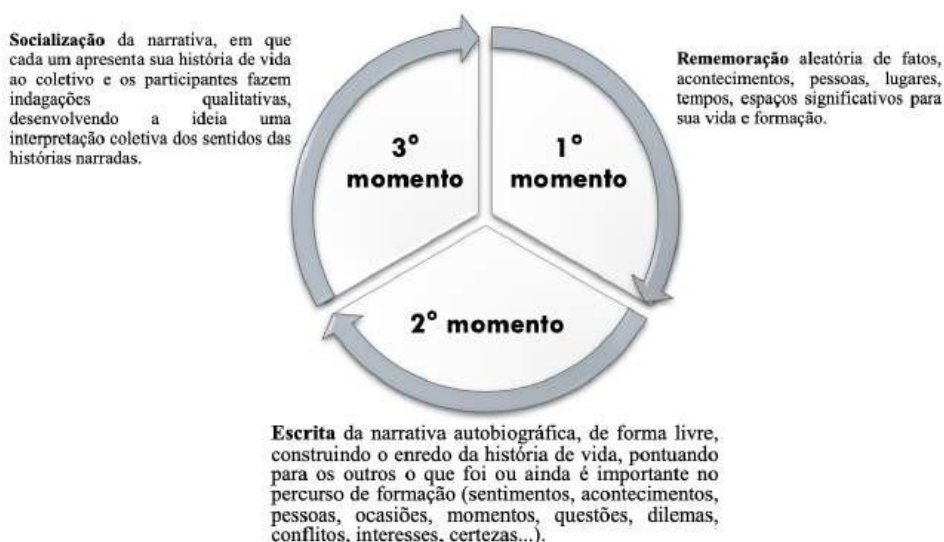
A proposta de Josso (2010) enfatiza as biografias educativas, pelas quais os acontecimentos vividos são narrados e os sujeitos nelas se projetam, refletem e dão sentido às suas histórias. Diante disso, no ateliê parte-se do pressuposto de que na escrita das narrativas essa reflexão, retrospectivamente sobre o percurso de formação, pode conduzir à tomada de consciência das aprendizagens experienciais feitas pelos professores nos diversos momentos de suas carreiras.

Delory-Momberger (2006) entende os “ateliês biográficos de projeto” como os momentos de produção de histórias de vida e de compreensão coletiva dessas histórias. Essa compreensão requer certo distanciamento crítico que a existência de um coletivo permite. Vinculamo-nos, em nosso ateliê, a propositura dessa autora, de que é na coletividade do grupo participante que se encontra o distanciamento das narrativas e dos acontecimentos contados, a fim de que possam ser (re)interpretados.

Com sentido semelhante, a ideia de nosso ateliê se inspira na prática de formação em grupos reflexivos, compartilhada por Passeggi (2011). Trata-se de uma derivação do grupo focal, em que se busca “envolver os participantes (professores, pesquisadores, formadores em formação) em um projeto comum de partilha com o outro da experiência vivida, para compreender a si mesmo e ao outro como sujeitos históricos” (Passeggi, 2011, p. 150).

A seguir, na figura 1, encontra-se um esquema dos momentos que animam o ateliê biográfico.

Figura 1 - Esquema dos momentos do ateliê biográfico desenvolvido durante a Oficina



Fonte: os próprios autores.

Em resumo, durante a atividade os professores participantes são convidados, no primeiro momento, a rememorar seu processo formativo, revisitando o passado pela lente do presente, em narrativas orais. Em seguida, ocorre a escrita da narrativa autobiográfica, que parte da seleção dos acontecimentos tidos pelos docentes como significativos, que só adquirem sentido enquanto estão inseridos na totalidade da história que lhes confere uma razão de ser. No último momento do ateliê, os professores partilham suas histórias de vida, criando um espaço de exposição entre os participantes, abrindo diferentes leituras que, produtivamente, reconfiguram as narrativas, levando os autores à tomada de consciência sobre as suas aprendizagens experienciais.

O ateliê biográfico como exemplo de uma prática de pesquisa-formação, tem como conceitos norteadores a escuta sensível, de René Barbier (2007) e a edição solidária, de Lili De La Fuente (2007). Esses componentes atravessaram toda a oficina realizada durante o VI EREBIO, e estiveram ali, mesmo

quando não os percebemos. Porém, notadamente, no 3º momento, quando da socialização das narrativas se mostraram explícitos.

A escuta sensível, mais do que um conceito a ser posto em prática, é uma atitude a ser desenvolvida, uma aptidão necessária às pessoas envolvidas em um grupo biográfico, incluindo os pesquisadores-formadores. A edição solidária se evidenciou, no ateliê, quando as pessoas participantes se envolveram na escuta/leitura das narrativas na ajuda mútua para contar aquilo que gostariam de dizer, buscando dar sentido às experiências compartilhadas.

Acreditamos que a escuta sensível no trabalho com as narrativas autobiográficas tem a potencialidade de exercer algo que tem se perdido nestes tempos - a capacidade de ouvir. Para Barbier (2007), trata-se de cultivar um ouvir sem antecipação de juízo de valor e sem impor um ponto de vista, um ouvir mais empático, aceitando o outro incondicionalmente, buscando pôr-se em seu lugar e compreendê-lo no contexto da história narrada.

Durante o ateliê biográfico, na socialização das narrativas, desencadeia-se também a edição solidária, praticando indagações mediadas pelos textos narrativos dos docentes. Para De La Fuente (2007), a edição introduz os participantes em vários papéis: de escritores, de leitores e de ouvintes de narrativas, dispostos a buscar sentidos que estão no texto, mas que por vezes não foram percebidos, e assim, ajudando o outro a encontrar sentidos que gostaria de transmitir em sua história. A edição está intrinsicamente implicada com a escuta sensível, até mesmo, se trata de condição necessária para que uma edição mais solidária seja possível.

Na edição deve-se cuidar das palavras do autor, respeitando o que o outro disse; fazer comentários/sugestões, cultivando a habilidade de indagação; tomar uma posição distante do texto, buscando compreender o outro por meio de interpelações e perguntas; cultivar a capacidade de escuta e; antes de propor qualquer alteração, respeita o conteúdo e o estilo do autor (De La Fuente, 2007).

Por fim, refletimos que os pressupostos apresentados que balizaram a construção e execução do Ateliê Biográfico são processos que nos interessam como docentes e pesquisadores, pois podem ser considerados em contextos de investigação, prática e formação de professores por criar uma situação de construção de conhecimento de forma compartilhada em uma relação horizontal entre sujeitos envolvidos que valoriza as subjetividades e intersubjetividade na compreensão de fenômenos educativos.

4. Potencialidades das narrativas autobiográficas: uma abertura

Nesse texto, o que tentamos fazer o tempo todo foi apontar as potencialidades das narrativas autobiográficas às práticas de formação e investigação junto a docentes de biologia. Qualquer que seja o termo adotado, por certo o biográfico, têm fundamentalmente caráter colaborativo. Nesse tipo de trabalho, a partilha entre a pessoa que narra e o pesquisador-formador que a escuta produz a compreensão de si e do outro e ainda emerge um conhecimento intersubjetivo, obtido pelo cruzamento entre a auto e a heterobiografia.

Em uma investigação de cunho biográfico, os envolvidos, pesquisados e pesquisadores, são percebidos como seres aprendentes, que refletem sobre suas aprendizagens ao longo da vida (Passeggi; Souza, 2017), e no contexto das pesquisas de formação de professores, essa abordagem ainda permite a reflexão sobre a carreira e experiências pedagógicas no cotidiano das escolas e da sala de aula.

A pesquisa (auto)biográfica coloca em relevo a subjetividade dos pesquisadores e dos narradores como forma de se atingir a qualidade do trabalho e manter a coerência do que foi experienciado coletivamente. De igual importância, é o fato da participação na pesquisa desencadear processos formativos nos envolvidos, pois os encontros são permeados por histórias contadas a partir da compreensão dos patrimônios existenciais de cada pessoa, levando-os a encontrar elementos formativos ao longo de suas trajetórias (Moita, 2013).

As narrativas autobiográficas nos permitem aproximar experiência e formação docente, entendendo que os professores-formadores-pesquisadores são indivíduos imersos em constantes processos de formação. São sujeitos da formação e, portanto, como nos sugere Larrosa (2015), são sujeitos da experiência. Na proposta do Ateliê Biográfico desenvolvido na oficina durante o VI EREBIO, fomos concebendo a nós mesmos e os participantes como pessoas capazes de aprender a partir das experiências de si mesmos e das experiências alheias.

Pesquisar junto aos professores de biologia numa perspectiva (auto)biográfica é valorizar sua subjetividade e histórias de vida, alinhando-se ao pensamento de António Nóvoa (2007, 2010, 2013). Esse educador defende a centralidade da formação na “pessoa do professor” e na prática cotidiana docente. Também dialogamos com Bolívar (2002b), que, a partir de metodologias (auto)biográficas, vê os professores como sujeitos de sua própria formação, destacando a importância de uma formação situada nas trajetórias de vida e carreiras profissionais.

Então, defendemos um deslocamento do eixo da formação de professores de um plano puramente teórico, focado em conteúdos e estratégias de ensino, para incluir também a reflexão sobre as práticas e as histórias de vida dos professores. Neste contexto de valorização do (auto)biográfico enfatiza-se não apenas a vida em si, mas a história que cada docente constrói e compartilha, reconhecendo que a profissionalidade está intrinsecamente ligada à pessoalidade, como nos diz Bolívar (2002a). Assim, a subjetividade do professor é considerada uma dimensão crucial do processo formativo, ou seja, seus valores, pensamentos, sentimentos, teorias implícitas e suas crenças.

De maneira geral, os estudos (auto)biográficos podem ser importantes catalisadores da reflexão do professor, ao passo que instauram “práticas de escrita pessoal e coletiva, o desenvolvimento de competências ‘dramáticas’ e relacionais ou estímulo a uma atitude de investigação” (Nóvoa, 1999, p. 18). Enfim, as abordagens (auto)biográficas na formação de professores funcionam como possibilidade para que os docentes se voltem sobre suas histórias de vida, e com isto, possam tornar-se sujeitos de sua formação. Implicada neste procedimento é ativada uma dupla feição: de investigação, visando construir conhecimento sobre as experiências de vida e profissional, e de formação, advinda deste processo reflexivo no contato com as aprendizagens experienciais. Isso é o que temos assumido até aqui, diante das muitas possibilidades dos estudos (auto)biográficos.

Referências

BARBIER, René. *Pesquisa-ação*. Brasília: Líber Livros, 2007.

BARREIRO, Cristhianny Bento; ERBS, Rita Tatiana Cardoso. Métodos, metodologias e teorias nas pesquisas em educação: explorando sentidos das narrativas. In: BRAGANÇA, I. F. S.; FERREIRA, M. S. (Orgs.). *Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba: CRV, p. 67-79, 2016.

BOLÍVAR, Antonio. Las historias de vida del profesorado: voces y contextos. *Revista mexicana de investigación educativa*, v. 19, n. 62, p. 711-734, 2014.

BOLÍVAR, Antonio. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, v.1, n. 4, p. 41-62, 2002a.

BOLÍVAR, Antonio (Org.). *Profissão professor: o itinerário profissional e construção da escola*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru, SP: EDUSC, 2002b.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; CUNHA, J. L.; BÔAS, L. V. (Orgs.). *Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos*. Curitiba: CRV, p. 65-82, 2018.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

DE LA FUENTE, Lili Ochoa. *Como editar pedagogicamente los relatos de experiencias?* Buenos Aires: Fundación Laboratorio de Políticas Públicas, 2007.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Experiencia y formación: biografización, biograficidad y heterobiografía. *Revista mexicana de investigación educativa*, v. 19, n. 62, p. 695-710, 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, p. 523-536, set.-dez., 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e pesquisa*, v. 32, n. 2, p. 359-371, 2006.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método autobiográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo: Paulus, p. 31- 58, 2010.

FERRAROTTI, Franco. *História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais*. Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Natal, RN: EDUFRRN, São Paulo: Paulus, 2010a.

NÓVOA, António. *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Ed., 2013.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.) *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, p. 155-188, 2010.

NÓVOA, António. *Nada substitui um bom professor*. São Paulo: SINPRO-SP, 2007.

NÓVOA, António. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza. *Educação e Pesquisa*, v. 25, n. 1, p. 11-20, 1999.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto) biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Investigación Cualitativa*, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativa, experiência y reflexión autobiográfica: por una epistemología del sur en educación. In: ARANGO, G. J. M. (Comp.). *Narrativas de experiencia en educación y pedagogía de la memoria*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial FFyL de la Universidad de Buenos Aires, p. 69-87, 2015.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Educação*, v. 34, n. 2, 2011.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, t. I. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SUÁREZ, Daniel. La documentación narrativa de experiencias pedagógicas como estrategia de indagación-acción-formación de docentes. In: PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. (Orgs). *Memoria docente, investigación y formación*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, p. 131-152, 2010.

Contribuição dos autores: Os autores contribuíram com a elaboração da fundamentação teórica, estruturação do artigo, pesquisa, análise e descrição dos resultados e revisão do manuscrito.

Conflitos de interesse: Os autores declaram que não há conflitos de interesse.
